

## **No ar: o novo Telejornalismo e os desafios em sala de aula<sup>1</sup>**

Mariana DIAS<sup>2</sup>

Maria de Fátima Costa de OLIVEIRA<sup>3</sup>

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica - RJ

### **Resumo**

Este artigo, fruto de pesquisa em desenvolvimento para conclusão de curso, apresenta um panorama sobre o Jornalismo de TV no Brasil, a partir de mudanças de linguagem, de cenário e inserção de novas tecnologias que atualizam a maneira de apresentação dos telejornais. Diante das alterações observadas nos principais telejornais do país, a proposta foi discutir a importância de se pensar o ensino de técnicas de expressão corporal e outros recursos de linguagem na preparação do futuro profissional de TV. Para traçar um diagnóstico do ensino da disciplina de telejornalismo, selecionamos os melhores Cursos de Jornalismo da Região Sudeste, de acordo com três indicadores de qualidade. Por meio de visitas às universidades e entrevistas com os professores, desenvolvemos nossa análise sobre o atual ensino de telejornalismo e as recentes inovações práticas do mercado.

**Palavras-chave:** telejornalismo; ensino de telejornalismo; expressão corporal.

### **Apresentação**

Num país de dimensões continentais, como o Brasil, é senso comum apontar a televisão como o meio de comunicação mais importante na vida dos brasileiros. Essa ideia geral foi confirmada pela Pesquisa Brasileira de Mídia, publicada em fevereiro de 2014, pela Secretaria de Comunicação da Presidência da República, e

traz um retrato representativo e preciso sobre o uso que os brasileiros declaram fazer, atualmente, dos meios de comunicação social. Continua sendo predominante a presença da TV nos lares do país, apesar do rápido crescimento da internet. Nada menos que 97% dos entrevistados afirmaram ver TV, um hábito que une praticamente todos os brasileiros, com independência de gênero, idade, renda, nível educacional ou localização geográfica. (BRASIL, 2014, p.7)

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na Divisão Temática Rádio, TV e Internet, da Intercom Júnior – X Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Foz do Iguaçu, PR 2 a 5 de setembro de 2014.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação, 9º semestre do Curso de Jornalismo da UFRRJ, e-mail: mariidias@gmail.com

<sup>3</sup> Orientadora do trabalho. Professora de Telejornalismo do Curso de Jornalismo da UFRRJ, e-mail: fafate@uol.com.br

O rádio conquistou o segundo lugar no hábito de comunicação de 61% dos pesquisados; a internet aparece em 47% das respostas e, por último, jornais e revistas são lidos por 25% e 15% dos entrevistados, respectivamente.<sup>4</sup>

Reconhecida a importância da televisão, conseqüentemente do telejornalismo como formador de opinião pública, percebemos a necessidade de pensar esse campo da atividade jornalística, diante dos novos paradigmas de comunicação, a partir do processo de aprendizagem do futuro profissional de TV.

Entendemos que o ensino da disciplina de telejornalismo e a boa formação do estudante de graduação em Jornalismo dependem de múltiplos fatores, passando pela preparação técnica, acadêmica e prática do professor, bem como pelas habilidades naturais do aluno e até mesmo pelas condições de estrutura das universidades.

Assim, não pretendemos, aqui, analisar os objetivos de cada curso no ensino dessa disciplina - já que tal empreitada deve levar em conta as diversas linhas pedagógicas adotadas em centenas de instituições brasileiras. O que se vislumbra é, diante dos cursos selecionados em nosso estudo, entender como se dá a preparação dos universitários para atuarem no novo cenário do telejornalismo nacional.

Que novo cenário é esse? Com pouco mais de 60 anos no Brasil, os programas de jornalismo televisivo chegam à segunda década do século XXI adotando novos formatos e recursos de linguagem. O presente artigo busca discutir a importância de se levar para a sala de aula o ensino de técnicas de expressão corporal - gestos, olhares, entonação de voz e modos de fala, - na tentativa de aproximar os estudantes da realidade que observamos na atual programação telejornalística das principais emissoras do país.

### **No ar: o telejornalismo**

A televisão chegou no Brasil graças à ousadia de um empresário da comunicação. Dono de emissoras de rádio, revistas e jornais que compunham os Diários Associados, Assis Chateaubriand Bandeira de Melo inaugurou o primeiro canal de televisão da América do Sul: a TV Tupi Difusora, em 18 de setembro de 1950, na capital de São Paulo. Mas quem sabia trabalhar em televisão? Os primeiros profissionais eram todos experientes de outro veículo, o rádio.

---

<sup>4</sup> Pesquisa realizada por 200 pesquisadores da SECOM nos meses de outubro e novembro de 2013, com 18.312 brasileiros em 848 municípios.

O formato do primeiro noticiário, o *Imagens do Dia*, ficava no ar o tempo que durassem as cenas gravadas, exibidas sem edição. Naquele momento, o apresentador ainda não chamava um repórter de externa, ele apenas narrava sobre as imagens (SOUZA, 2004). Depois de três anos, o *Imagens do Dia* deu lugar ao *Telenotícias Panair*, que manteve-se durante um ano no horário fixo das 21 horas, até que o *Repórter Esso* conquistasse de vez, a audiência nacional para o segmento, apesar da forte influência publicitária (KNEIPP, 2008).

Quando estreou na tevê em 1952, o *Repórter Esso* já era famoso no rádio. O programa produzido pela agência *United Press Internacional* (UPI) foi adaptado pela Tupi e tornou-se um marco na televisão, inaugurando a característica de um apresentador na bancada. A experiência foi repetida em todas as emissoras de Assis Chateaubriand e permaneceu no ar até 31 de dezembro de 1970.

O telejornalismo brasileiro ganhou destaque internacional no início dos anos 60, com o noticiário da TV Excelsior, do Rio de Janeiro, o *Jornal de Vanguarda*. “Pioneiro na introdução de jornalistas para cuidar da produção das notícias, o *Jornal de Vanguarda* recebeu o Prêmio Ondas, na Espanha, como um dos melhores jornais de informação do mundo” (OLIVEIRA, 2006, p.61).

Até o fim da década surgiram vários telejornais no eixo Rio-São Paulo, patrocinados por empresas de combustíveis, da aviação civil, fabricantes de pneus e indústria farmacêutica. A TV Globo, canal 4 do Rio de Janeiro, inaugurada em 26 de abril de 1965, foi pioneira na transmissão em rede. Levou ao ar o primeiro telejornal de alcance em todo o território brasileiro, o *Jornal Nacional*, em setembro de 1969. Mas os anos de chumbo do período da ditadura militar no país marcariam o conteúdo noticioso daquele e de outros noticiários por longos 21 anos.

Muitos são os marcos das mudanças no telejornalismo nacional em seis décadas. Reconhecemos que não cabe citá-los à exaustão, neste trabalho, para que possamos dar conta de discutir a questão central, sobre como se dá o ensino das práticas em telejornalismo no cenário atual.

O que destacamos, neste momento, é que os programas de jornalismo televisivo chegam aos nossos dias adotando novos formatos e recursos tecnológicos em sua linguagem, exigindo mudanças na postura dos jornalistas.

## Lá atrás, as primeiras mudanças

As primeiras mudanças em relação ao tom meramente radiofônico dos apresentadores deram sinais ainda no premiado *Jornal de Vanguarda*, da TV Excelsior, ao introduzir a figura do comentarista. Mas é pelo Sistema Brasileiro de Televisão, SBT, que o telespectador conhece o papel do primeiro âncora brasileiro, aquele jornalista que emite sua opinião, além de dar as notícias. Boris Casoy comandou o *TJ Brasil* de 1988 a 1997.

A adoção do modelo de apresentação de telejornais com o uso do âncora trouxe a única mudança significativa na arte de difundir notícias no horário nobre da TV brasileira. Boris Casoy é hoje o must das referências e reconhecimento da importância dessa inovação no Brasil. Até a chegada desse modelo, todas as emissoras, mesmo as estatais, tinham no formato e estilo implantados pela Rede Globo o princípio televisivo a ser inquestionavelmente seguido (SQUIRRA, 1995, p. 37).

Também foi o SBT que implantou o chamado telejornalismo popular e de conteúdo policial, com o histórico *Aqui Agora*, iniciando uma virada na linha editorial de jornalismo, em busca da audiência entre as camadas mais populares, as classes C e D. O *Aqui Agora*, colocou a cena policial entre as principais notícias do dia, com a câmera na mão e muita irreverência.

O antigo modelo de telejornal, derivado da prática radiofônica e apoiado basicamente num locutor que lê um script, foi sendo substituído aos poucos pelo modelo que tem hoje na CNN o seu melhor representante, onde a tarefa de construir o noticiário do dia é repartida entre os vários sujeitos falantes que povoam a tela. [...] Nos casos mais fortemente personalizados, o apresentador não é somente um âncora, mas costuma acumular também os cargos de chefe de reportagem, diretor geral e produtor. O programa, na verdade lhe pertence. (MACHADO, 2003, p. 106-107)

Dentro do formato citado por Machado (2003), estava o apresentador, repórter e editor-chefe, Paulo Henrique Amorim - hoje no comando do *Domingo Espetacular* da Rede Record - então à frente do *Jornal da Band*, em 1997. A década de 90 pode ser lembrada pela característica de aproximação com o público, buscando a legitimação da credibilidade da notícia, por isso os apresentadores acumulavam a função de âncoras, participando de todo o processo de preparação e transmissão da informação nos telejornais.

Já as mudanças de formato e linguagem que se anunciariam para os telejornais dos primeiros anos do século XXI estavam ligadas às novas tecnologias. Nesse novo contexto, podemos apontar dois fatores decisivos: a internet e o uso de tecnologias digitais - seja na

participação do telespectador em tempo real; seja no uso de tecnologias digitais no processo da edição à transmissão das notícias; e ainda, no compartilhamento de dados online.

Em 2010, a maioria dos telejornais da TV aberta lançou seus novos cenários. Como elemento comum, os cenários dos telejornais registram a presença de suas redações, com os profissionais trabalhando em ambiente contíguo, como parte do cenário, além da presença de várias telas distribuídas pelo espaço de apresentação do telejornal. (SILVA e ROCHA, 2010, p.204)

Outras características vieram, como o uso de selos, gráficos, artes que ilustram e contribuem para maior entendimento da informação. Técnicas digitais também são utilizadas para passagens de repórteres fora do estúdio e nos quadros de previsão do tempo, ou informações do trânsito. Outra novidade que pode ser apontada na atual fase dos programas do gênero informativo é o uso de telões que compõem o cenário nos estúdios. O monitor funciona como passagem para um mundo virtual e tecnológico.

### **Ao vivo: o corpo fala**

Num primeiro momento, quando a televisão chegou às casas brasileiras, os apresentadores pouco gesticulavam e, menos ainda, deixavam transparecer sentimentos e opiniões. A postura adotada pelos jornalistas sugeria garantir a credibilidade da notícia. Mas sabemos não ser possível separar o corpo da fala e naquele momento, acreditava-se que a informação precisava ser transmitida com o mínimo de interferência possível.

Uma pesquisa norte-americana revela que as palavras representam apenas 7% do impacto que uma determinada mensagem pode levar a alguém. 38% desse impacto são referentes ao tom de voz e à inflexão da fala; e 55% são responsabilidade dos gestos e expressões faciais.<sup>5</sup> Daí nossa intenção em discutir a necessidade de se repensar o modo de ensino para aqueles que irão passar informações no veículo televisão.

Barbosa (2007) explica que a televisão provoca sensações e, portanto uma espécie de identificação com o público. Nesse sentido, podemos observar as mudanças em relação ao posicionamento do apresentador, porque ele se tornou âncora – dentro dos moldes dos telejornais americanos, personalizando o programa com suas marcas -, ou porque começou a perceber a necessidade de maior identificação do público com o telejornal, e não somente com os programas de entretenimento.

---

<sup>5</sup> Disponível em: <http://noticias.universia.pt/destaque/noticia/2012/07/10/949284/linguagemcorporal-e-mais-importante-do-conteudo-da-mensagem-revela-estudo.html> - Acessado em: 04/06/2014.

Silva (2013) aponta como um divisor de águas nesse processo, a inserção de profissionais de fonoaudiologia nas redações de televisão:

A partir de 1974, ela [Glorinha Beuttenmüller] foi a responsável pelo atendimento a apresentadores, atores e diversos artistas da emissora interessados em melhorar sua atuação diante das câmeras. A grande arma de Glorinha foi acreditar que fonoaudiologia poderia contribuir para melhorar o desempenho não só vocal, mas da presença cênica em televisão. (SILVA, 2013, p.6)

No caso do jornalista, entendemos que o conhecimento do potencial comunicativo de suas expressões não verbais seja importante para o domínio de técnicas que visam agregar informações subjetivas à notícia transmitida. Gestos, olhares, entonação de voz, fazem parte da mensagem; principalmente na apresentação em telejornalismo, quando a imagem do jornalista certamente acrescenta sentidos à notícia. E ainda, outros objetos que compõem o ambiente dessa apresentação, como figurino, cenário e recursos de produção.

Barbosa (2007) aponta que novos cenários, reproduzindo lugares onde a informalidade e a oralidade predominam, são melhor recebidos pelo telespectador. Dessa forma, podemos observar o crescimento na busca pela naturalidade na transmissão das informações - seja por influência das novas tecnologias, como o uso dos telões, ausência de *teleprompter*, ausência de bancadas, mais entradas “ao vivo”, pela internet, de lugares cada vez mais distantes; seja por influência de um maior conhecimento e domínio das técnicas de fonoaudiologia e da linguagem corporal.

### **O novo telejornalismo**

A título de ilustração deste novo momento que identificamos como tendência na apresentação dos telejornais, recolhemos exemplos em três emissoras de TV: Rede Globo, Rede Record e RedeTV!.

O *Bom Dia Rio* é um telejornal exibido pela Rede Globo, de segunda a sexta-feira às 6h15 da manhã no estado do Rio de Janeiro. No ar desde 1983, passou por uma reformulação no início dos anos 2000 e sua última mudança significativa aconteceu em 2011 com inauguração do *Glass Studio*.<sup>6</sup> A programação do telejornal é baseada nas principais notícias da noite anterior e na prestação de serviços como condições do trânsito, previsão do tempo para a capital e região metropolitana. O *Bom Dia Rio* é apresentado de

---

<sup>6</sup> Estúdio panorâmico na sede da emissora no bairro Jardim Botânico, Zona Sul do Rio de Janeiro.

pé, com o jornalista movimentando-se pelo estúdio. Há momentos em que ele usa a bancada, outros não, quando interage com os repórteres em externa, por um telão.

Outra sessão que se vale das novas tecnologias, é o quadro Radar RJ, apresentado também de pé, diante de um telão com recursos gráficos e imagens, apontando os principais problemas no trânsito do Rio. As informações chegam à tela por meio de um aplicativo digital, em tempo real.



Figura 1 – Apresentadores Silvana Ramiro e Flávio Fachel, no quadro Radar RJ do *Bom Dia RJ* em 2013. Frame de vídeo. (TV Globo)

Ainda na Rede Globo, recentes modernizações de cenário e de apresentação chegaram a dois telejornais tradicionais da emissora, que são veiculados para todo o país a partir da redação de São Paulo: o *Jornal da Globo* e o *Jornal Hoje*.

No ar desde 1979, o JG sempre trouxe as análises do dia, com comentários de política e economia. Nos anos 80, passou pelas primeiras reformulações quando a bancada foi ocupada pelo casal Eliakin Araújo e Leila Cordeiro. Entre os vários apresentadores e apresentadoras que assumiram o telejornal, destacam-se Lílian Witte Fibe, nos anos de 1993 a 1996; e Ana Paula Padrão, editora-chefe e apresentadora de 2000 a 2005.

Em 2005, foi a vez da dupla que está na bancada do *Jornal da Globo* até hoje, William Waack e Christiane Pelajo. A partir de abril de 2014, operou-se uma grande mudança no formato de apresentação do telejornal que vai ao ar de segunda a sexta, às 23horas. Num telão de quatro metros, seis monitores se agrupam em diferentes posições atrás da bancada e os apresentadores chamam diversas reportagens de pé, também movimentando-se entre as telas.

Na inauguração do novo cenário, Christiane e William abriram o telejornal dizendo: - “Boa noite, esse aqui é o novo cenário do *Jornal da Globo*, com mais movimentação e mais tecnologia para o seu fim de noite. Vamos ter muito mais espaço para interagir com comentaristas e entrevistados, sem esquecer as grandes reportagens”<sup>7</sup>.

E, ainda na redação de São Paulo, o *Jornal Hoje*, ou JH como é chamado, inaugurou seu novo cenário em abril de 2014. Um dos mais antigos telejornais da emissora, iniciou-se em 1971 apenas no Rio de Janeiro e três anos depois, passou a ser exibido em rede nacional. No fim da década de 90, em 1999 o *Jornal Hoje* passou a ser apresentado de São Paulo, com Carlos Nascimento e Carla Vilhena. Em 2003, Sandra Annenberg assumiu a bancada, ao lado de Nascimento. Um ano depois, Evaristo Costa passou a fazer dupla com Sandra, casal que apresenta o telejornal até hoje, às 12h15.

Um vídeo com os bastidores da nova mudança foi mostrado no próprio JH.<sup>8</sup> Aqui reproduzimos o texto da apresentação dos jornalistas e o conteúdo da nota coberta sobre os bastidores:

*Sandra:* Como nós dissemos no começo dessa edição, o projeto aqui do nosso novo cenário começou lá em 2011, era um sonho.

*Evaristo:* E os profissionais de todas as áreas da TV Globo se envolveram nesse processo para que o *Jornal Hoje* ficasse com essa nova cara que você está acompanhando. Nossa equipe fez um projeto com muita dedicação, com muita vontade de fazer realmente algo diferente.

*OFF do VT nota coberta:* O departamento de arte da TV Globo trabalhou dia e noite para desenvolver o projeto. E agora o cenário muda de acordo com cada notícia. Engenheiros, técnicos, arquitetos, designers, todos nós fizemos uma bateria de testes para que tudo funcionasse direitinho. Foram muitos detalhes para ajustar os nossos telões, que, como vocês viram, se movimentam o tempo todo. E é com esse movimento que o *Jornal Hoje* está ainda mais perto de você, a partir de agora.

*Evaristo:* Que legal...

*Sandra:* Muito bom, né? A gente tá orgulhoso [...] O *Jornal Hoje* fica por aqui, a gente espera que você tenha gostado da sua casa nova, desse nosso novo cenário. Eu amei.

*Evaristo:* Eu também gostei e muito. [...] Uma ótima tarde a todos.

*Sandra:* Uma ótima tarde, até amanhã.

Outro exemplo de telejornal que utiliza as novas tecnologias para levar ao ar um formato diferente na apresentação, é o *Leitura Dinâmica* da Rede TV!, exibido de segunda a sexta-feira às 00h15 para todo o Brasil. O programa estreou em 1999, aos domingos, com apresentação de Milton Jung, então locutor esportivo da emissora. Passou a ser diário em

<sup>7</sup> Disponível em <http://globo.com/rede-globo/jornal-da-globo/v/jornal-da-globo-estreia-novo-cenario-nesta-segunda/3311399/> – Acessado em 20/06/2014

<sup>8</sup> Disponível em <http://globo.com/rede-globo/jornal-hoje/v/jornal-hoje-estreia-novo-cenario/3310149/> – Acessado em 20/06/2014

2001, com a boa aceitação do público. É caracterizado por trazer um panorama geral dos principais acontecimentos do dia, de forma sucinta. Os editores do telejornal assim o descrevem: “com recursos gráficos de última geração, texto inteligente e olhar diferenciado, o *Leitura Dinâmica* é uma revista eletrônica que mostra as principais notícias do dia e os destaques do cenário cultural”.<sup>9</sup>

No cenário atual, a apresentadora caminha de um telão a outro para mudar de assunto e simula a sua saída do estúdio, na chamada do intervalo comercial. Podemos observar que, mesmo sendo um telejornal que já nasceu imerso em uma nova proposta, houve uma mudança substancial no cenário do programa durante esses quase 15 anos.



Figura 2 – Renata Maranhão, apresentadora do *Leitura Dinâmica*, em 2014.  
Frame de vídeo. (RedeTV!)

Também podemos citar como exemplo de ruptura nos formatos tradicionais de apresentação, o *Balanço Geral*, considerado um programa de jornalismo popular, que vai ao ar pela Rede Record. Na cidade do Rio de Janeiro, o BG está no ar desde 2005, sempre ao meio-dia; e, a partir de 2013, inaugurou outra edição, mais curta, às 06h15 da manhã. A primeira edição do *Balanço Geral* no Rio de Janeiro é apresentada por Rogério Forcolen e o BG da tarde tem o comando de Wagner Montes. O jornalístico aborda os mais variados assuntos:

problemas comunitários, segurança pública, comportamento, lazer e cultura popular. No BG reservamos espaço para apresentação de séries especiais e transmissões ao vivo. O entretenimento, embora não seja o perfil do BG, também faz parte do programa por conta da personalidade descontraída do apresentador com brincadeiras e comentários inusitados.<sup>10</sup>

<sup>9</sup> Disponível em: <http://www.redetv.uol.com.br/jornalismo/leituradinamica/otelejournal.aspx> - Acessado em 20/06/2014

<sup>10</sup> Disponível em: [http://www.recordrio.com.br/bg\\_manha.php#.U4ZmhXJdVIY](http://www.recordrio.com.br/bg_manha.php#.U4ZmhXJdVIY) – Acessado em: 28/05/2014.

A própria descrição do programa em *site* oficial, define suas características peculiares, que podem ser assinaladas pela oralidade, pelo uso de muitos jargões e expressões verbais características do apresentador. Editorialmente, o telejornal prioriza assuntos da cena policial e trabalha a repetição de uma mesma notícia, explorando o uso de imagens brutas, com comentários.

O apresentador chama as notícias gravadas, ou entradas ao vivo dos repórteres, sempre de pé, olhando em diversas câmeras sem o uso de fichas. Há, ainda, a possibilidade de entrevistas de estúdio com especialistas e convidados.



Figura 3 – Wagner Montes apresentando o *Balanço Geral* no Rio de Janeiro, em 2014. (TV Record)

É importante ressaltar que esses exemplos ainda são pontuais na programação de televisão no Brasil, notadamente nos grandes centros, onde as emissoras cabeças de rede se modernizam primeiro, até que todos os recursos sejam absorvidos pelas afiliadas do interior do país.

Considerando a importância da comunicação não verbal e a sua utilização no telejornalismo atual, defendemos que a consciência de tal linguagem é um fator importante na formação do futuro profissional de jornalismo que queira dedicar-se à TV quando deixar a universidade. A partir deste interesse estudamos seis faculdades e universidades no sudeste do país que aparecem no topo da lista dos principais indicadores de qualidade e entrevistamos os professores de telejornalismo das referidas instituições.

## **Em pauta: o ensino de telejornalismo**

Em setembro de 2013, foram homologadas as Novas Diretrizes do Curso de Jornalismo<sup>11</sup>, transformando as habilitações em graduações próprias, extinguindo-se o curso de Comunicação Social. Elas têm como objetivo inserir o aluno em atividades práticas ligadas à sua profissão de forma interdisciplinar, promovendo a interação entre o aluno e o profissional do mercado de trabalho. A resolução aponta o prazo de dois anos para que todas as Instituições de Ensino Superior estejam alinhadas às novas diretrizes. A proposta é estimular a formação do profissional aliando teoria e prática, sugerindo, desde os primeiros períodos, o contato com atividades da prática profissional e determinado a obrigatoriedade do estágio supervisionado. O novo currículo propõe que pelo menos 50% do curso seja constituído de atividades práticas.

As novas diretrizes do MEC baseiam-se em seis índices estruturais: fundamentação humanística, fundamentação específica, fundamentação contextual, formação profissional, aplicação processual e prática laboratorial. Nesse contexto, iremos abordar especificamente a disciplina de telejornalismo dentro da graduação em Jornalismo.

De acordo com Brasil (2012, p.1) o ensino de telejornalismo é um desafio: “por um lado, a predominância de uma cultura acadêmica que valoriza a ‘teoria’ e, por outro, uma realidade de mercado onde a ‘prática’ é considerada simplesmente essencial”. O autor aponta a responsabilidade do professor em ensinar sobre o meio de comunicação mais influente e hegemônico do país, além de ser uma área dinâmica e de constante modificação, seja na tecnologia, seja na linguagem.

Consideramos necessário pensar sobre as dificuldades de se levar para a sala de aula, simultaneamente às inovações do mercado, todo o aparato tecnológico que se apresenta na prática do telejornalismo atual. Por isso, decidimos conhecer a realidade em sala de aula em alguns dos melhores cursos do país.

De acordo com o Censo do Ensino Superior, em 2005 havia mais de 300 cursos de Jornalismo no Brasil<sup>12</sup>, assim, estabelecemos que nosso recorte de estudo se daria em avaliar instituições localizadas na Região Sudeste. A região concentra as sedes das

---

<sup>11</sup> Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=19121&Itemid=866](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=19121&Itemid=866) – Acessado em 15/06/2014.

<sup>12</sup> Disponível em: <http://www.eca.usp.br/jornalismoemclasse/?p=230> – Acessado em 03/04/2014.

principais emissoras de TV do país, além de suas capitais serem as cidades que mais empregam jornalistas.<sup>13</sup>

As seis universidades pesquisadas foram escolhidas a partir de três indicadores: o Ranking Universitário da Folha (RUF)<sup>14</sup>, o Guia do Estudante (GE)<sup>15</sup> e o Índice Geral dos Cursos (IGC)<sup>16</sup>. Para efeito de seleção, foram considerados os dados mais recentes de cada um dos indicadores, sendo eles de 2012 e 2013.

A seleção final das instituições é a seguinte: do estado de São Paulo, Universidade de São Paulo (USP), e Faculdade Cásper Líbero; do estado do Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), e Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC Rio); do estado de Minas Gerais, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Instituições do Espírito Santo, estado que também integra a Região Sudeste, não apareceram entre os melhores resultados dos indicadores escolhidos nesta pesquisa.

Procuramos as instituições para agendar visitas com o objetivo de acompanhar uma aula e, se possível, algum projeto de extensão ou outra disciplina que abordasse conceitos de expressão corporal e novas linguagens para telejornalismo. Após a visita, os professores foram convidados a responder um questionário, com as mesmas perguntas para todos.

### **A seguir: novas perspectivas para a formação do jornalista de TV**

Todas as universidades visitadas dispõem de um estúdio de televisão. Algumas com mais recursos, outras com menos; algumas com possibilidade de exibir as produções acadêmicas em TVs universitárias, outras não. Os professores entrevistados concordam que o telejornalismo está passando por um momento de mudanças, o que sugere que estão conscientes das novas perspectivas de mercado; no entanto, ainda optam por manter as aulas práticas espelhando-se nos modelos tradicionais.

O ensino de técnicas de expressão corporal não é uma preocupação acadêmica nas instituições pesquisadas a partir de uma defesa maior por parte dos docentes em relação ao conteúdo teórico formador geral e não o específico. Entretanto, os professores aconselham a

---

<sup>13</sup> Disponível em: <http://www.portalphysics.com.br/novo/colégio/pages/pagina/101> - Acessado em 03/04/2014.

<sup>14</sup> Disponível em: <http://ruf.folha.uol.com.br/2013/rankingdecursos/jornalismoreadacaoconteudo/> - Acessado em 27/05/2014

<sup>15</sup> Disponível em <http://guiadoestudante.abril.com.br/blogs/melhoresfaculdades/category/jornalismo/> - Acessado em 27/05/2014

<sup>16</sup> Disponível em <http://educacao.uol.com.br/noticias/2013/12/06/veja-os-melhores-cursos-dopais.htm> - Acessado em 27/05/2014

busca por essa formação em cursos complementares, sempre que houver interesse pessoal do aluno.

Os docentes que responderam ao nosso questionário são: Luiz Santoro (USP), Beatriz Becker (UFRJ), Luciana Barros (PUC-RJ), Patrícia Amaral (UFU), Flávia Lovisi (UFMG) e a fonoaudióloga da USP que também nos recebeu em visita àquela Universidade, Telma Santos.

Quando questionados sobre as mudanças que vemos no telejornalismo atual das principais emissoras da rede aberta brasileira, todos reconhecem que elas estão acontecendo, seja em uma perspectiva de modismo, seja em uma perspectiva de avanço. Os professores também são unânimes em destacar que a nova postura dos apresentadores exige uma expressão corporal ‘ensaiada’ e determinada pelo *script*. O que, em nossa análise, sugere que a prática desse tipo de apresentação possa ser estimulada usando técnicas de comunicação e expressão oral e corporal em sala de aula.

A USP já sinaliza positivamente neste sentido, ao incluir entre as disciplinas optativas, aulas de fonoaudiologia. E também na PUC-Rio, há a oferta da disciplina optativa *Técnica de Apresentação de TV*, que proporciona a consciência dos gestos, da entonação, da postura, contribuindo para o desenvolvimento de estilos próprios de apresentação.

E para maior detalhamento neste extrato de pesquisa que ora apresentamos, trazemos uma síntese das respostas a três perguntas principais: 1) Você acha importante que técnicas de expressão corporal sejam trabalhadas em sala de aula durante a formação do jornalista? 2) Como você avalia a formação do profissional de telejornalismo hoje? 3) A universidade deve oferecer esse tipo de especialização durante a graduação para os interessados em trabalhar na televisão?

Apesar dos professores apontarem a importância do aprendizado prático de telejornalismo na graduação, todos compreendem que suas especificidades técnicas devam ser uma atribuição do mercado e não obrigatoriamente do currículo acadêmico.

Os entrevistados consideram que é mais importante ensinar o conteúdo da notícia, as bases deontológicas e a reflexão sobre o telejornalismo, a produzir uma consciência das ações corporais do profissional jornalista. A consciência corporal, inclusive, não aparece como prioridade em nenhum dos questionários respondidos pelos professores.

A preocupação com a teoria e a formação de um jornalista apto a atuar em vários campos é preponderante. Quando questionados sobre a importância da formação acadêmica

do jornalista, os entrevistados concordam que ela é essencial para o profissional. Mas discordam sobre a função dessa formação. A professora Flávia Lovisi responsável pela TV Universitária da UFMG acredita que a academia é fundamental para que o aluno pense o Jornalismo e tenha uma boa base cultural. Segundo ela, o futuro profissional deve sair da universidade capaz de trabalhar em qualquer área. A professora Luciana Barros da PUC-Rio concorda e acrescenta que o papel da universidade é estimular a busca pelo conhecimento e a percepção de um olhar diferenciado do jornalista. Formar um profissional focado apenas para o mercado, seria o papel dos cursos técnicos, em sua opinião. Posição rebatida pela fonoaudióloga Telma Santos, que atua na disciplina optativa da USP, considerando que os métodos atuais de ensino estão defasados.

Sobre uma possível especialização em telejornalismo, quatro professores são contra, justificando que tal especialização limitaria o conhecimento. O posicionamento da professora Patrícia Amaral, da UFU, é outro: “Acredito que sim e cada vez se fará mais necessário. Com a facilidade de usarmos a internet os alunos podem aproveitar as técnicas de telejornalismo para fazer mais programas. É a disciplina de Tele que dará todo o embasamento”. Nessa mesma linha, as novas Diretrizes Curriculares de Jornalismo, sugeridas pelo MEC e que devem ser implantadas até 2015, apontam para os caminhos das especificidades técnicas do campo.

### **Considerações finais**

Estudar mais de perto as melhores universidades da Região Sudeste possibilitou-nos traçar um panorama sobre a realidade do ensino de telejornalismo atual nos grandes centros, mais especificamente em três capitais e uma cidade do interior. Nossa análise leva-nos a supor como chegam hoje ao mercado os jornalistas formados naquelas instituições. Claro que são ações pontuais específicas, mas reconhecemos nas faculdades e universidades pesquisadas a capacidade de receber e aceitar mudanças curriculares, considerando os bons resultados que possuem nos indicadores de qualidade de ensino.

Reiteramos a necessidade de se pensar o “corpo que fala” no telejornalismo. E concluímos que não se pode passar ao largo das reflexões sobre a importância de técnicas de apresentação e de expressão corporal, para melhor preparar o profissional de Jornalismo aos novos formatos. A adequação (ou não) dos Cursos de Jornalismo às novas tendências de mercado, ainda é um caminho a percorrer. No entanto, acreditamos ter encontrado

professores, nas instituições pesquisadas, que já dispõem em suas mãos, de um mapa de futuros destinos.

## Referências

BARBOSA, Marialva Carlos. **Televisão, narrativa e restos do passado**. Revista da Associação dos Programas de Pós-graduação em Comunicação n. 08. Compós, 2007.p.1-21.

BRASIL, Antônio Cláudio. **O Ensino de Telejornalismo na era digital: a cobertura dos telejornais universitários na internet**. SBPJor: Curitiba. 2012.

BRASIL, Presidência da República. Secretaria de Comunicação Social. **Pesquisa Brasileira de Mídia 2014: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira**. Brasília, DF: Secom, 2014.

KNEIPP, Valquíria Aparecida Passos. **Trajetória da formação do telejornalista brasileiro - as implicações do modelo americano**. Tese de Doutorado. São Paulo: USP - Escola de Comunicações e Arte - ECA, 2008.

MACHADO, Arlindo. **A televisão levada a sério**. 3ª ed. São Paulo: Senac, 2003.

OLIVEIRA, Maria de Fátima Costa de. **Subjetividade e Discurso: um estudo do telejornalismo regional**. Dissertação de Mestrado. Taubaté, SP: UNITAU, 2006.

SILVA, Edna de Mello. **Corpos em Cena: de “cabeças falantes” a “corpos imersivos” o papel dos apresentadores no telejornalismo brasileiro**. XXXVI Congresso de Comunicação - Intercom, Manaus, 2013. p.1-12

SILVA, Edna Melo; ROCHA, Liana Vidigal. Telejornalismo e Ciberespaço: convergência de tecnologia e informação. In: VIZEU, Alfredo; PORCELLO, Flávio; COUTINHO, Iluska (orgs). **60 anos de Telejornalismo no Brasil**. História, Análise e Crítica. Florianópolis, SC: Editora Insular, 2010.

SQUIRRA, Sebastião. **O telejornalismo brasileiro num cenário de competitividade**. Intercom - Revista Brasileira de Comunicação. São Paulo v. XVIII. n. 1, 1995.

SOUZA, José Carlos Aronchi de. **Gêneros e formatos na televisão brasileira**. São Paulo: Summus, 2004.